

Dossiê: História Digital: tecnologia e fazer historiográfico entre
teoria e prática

<http://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.43219>

Modulações da História na Cultura Digital
Considerações sobre uma história da História Digital.

Modulations of History in Digital Culture
Considerations about a history of Digital History.

Modulaciones de la Historia en la Cultura Digital
Consideraciones sobre una historia de la Historia Digital.

Luiz Filipe Correia*

<https://orcid.org/0000-0001-9039-0898>

RESUMO: O conceito de modulação, desenvolvido pelo filósofo francês Gilles Deleuze, é usado neste artigo como ferramenta analítica para compreender as transformações nas práticas historiográficas com a popularização das tecnologias digitais e, por extensão, da cultura digital. Desde a segunda metade do século XX, as tecnologias digitais provocaram uma série de modulações na prática histórica e este artigo examina como estas modulações podem ser percebidas no trabalho de historiadores e historiadoras que discutem relações entre a disciplina de História, a tecnologia e a História Digital. Os textos discutidos são apresentados em ordem cronológica e exemplificam as modulações conceituais, metodológicas, relacionadas aos usos que os historiadores fazem das tecnologias digitais e, principalmente, nas práticas de pesquisa, escrita, divulgação e ensino de história. Por fim, a noção de modulação também pode contribuir para as discussões sobre a delimitação e a busca de uma identidade própria para a História Digital.

Palavras-chave: História Digital. Modulação. Cultura Digital. Historiografia. História da Tecnologia.

ABSTRACT: This article employs the concept of modulation, developed by the French philosopher Gilles Deleuze, as an analytical tool to understand the transformations in historiographical practices brought about by the proliferation of digital technologies and the digital

* Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), estuda as relações entre cultura e tecnologia digital desde 2008. Atualmente, além de professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)- campus Hortolândia, também estuda temas relacionados com a História Digital e a História da Ciência e da Tecnologia. E-mail: dolcor@gmail.com.

culture. Since the mid-20th century, digital technologies have induced a series of modulations in historical practice. This article examines how these modulations appear in works of historians who explore the interplay between the discipline of History, technology, and Digital History. The analyzed texts are presented chronologically and exemplify the conceptual and methodological modulations associated with historians' use of digital technologies, particularly in historical research practices such as writing, dissemination, and teaching. Lastly, modulation can also contribute to discussions concerning the boundaries and the quest for an identity for Digital History.

Keywords: Digital History, Modulation, Digital Culture, Historiography, History of Technology

RESUMEN: Este artículo utiliza el concepto de modulación, desarrollado por el filósofo francés Gilles Deleuze, como herramienta analítica para comprender las transformaciones en las prácticas historiográficas producidas por la proliferación de las tecnologías digitales y, en consecuencia, de la cultura digital. Desde mediados del siglo XX, las tecnologías digitales han inducido una serie de modulaciones en la práctica histórica. Este artículo examina cómo se manifiestan estas modulaciones en el trabajo de historiadores que exploran la interrelación entre la disciplina de la Historia, la tecnología y la Historia Digital. Los textos analizados se presentan cronológicamente y ejemplifican las modulaciones conceptuales y metodológicas asociadas al uso que los historiadores hacen de las tecnologías digitales, particularmente en las prácticas de investigación histórica, escritura, difusión y enseñanza. Por último, la noción de modulación también puede contribuir a las discusiones sobre la delimitación y búsqueda de una identidad para la Historia Digital.

Palabras clave: Historia Digital, Modulación, Cultura Digital, Historiografía, Historia de la Tecnología

Como citar este artigo:

Correia, Luiz Filipe. “Modulações da História na Cultura Digital Considerações sobre uma história da História Digital”. *Locus: Revista de História*, 30, n. 1 (2024): 12-35.

Apresentação¹

O termo cultura digital começou a se popularizar já na década de 1990 em direta relação com as transformações culturais, políticas e econômicas decorrentes da massificação dos computadores pessoais e da Internet. Na atualidade, a cultura digital atravessa e constitui os mais diversos níveis da sociedade e da experiência humana, fazendo-se presente tanto nos afetos, nas sensibilidades, na linguagem e nas modas, quanto nas diversas esferas do conhecimento, na política, nas relações internacionais e na economia. Desdobramento direto da chamada cibercultura, a

¹ Todas as citações presentes neste ensaio e que foram extraídas de livros e artigos em inglês são traduções livres realizadas pelo autor do texto.

cultura digital pode ser entendida como o resultado do acúmulo de desenvolvimentos e conhecimentos científicos e tecnológicos ocorridos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, entre os quais a cibernética, a microeletrônica e a informática. A partir da segunda metade da década de 1990, com o barateamento dos computadores pessoais e a difusão da Internet em um contexto de economia política marcada pelo neoliberalismo, essas transformações técnicas mudaram a forma como as pessoas passaram a se comunicar e promoveram uma completa e acelerada reconfiguração cultural, econômica e política² que moldou, e molda até hoje, os espaços de experiência e os horizontes de expectativa (Kosselleck 2006). Portanto, de maneira geral, a cultura digital deve ser entendida como o conjunto de práticas, comportamentos, valores, e expressões que surgem em torno do uso de tecnologias digitais e que vão desde os computadores pessoais, a multimídia, a Internet, os smartphones, até as redes sociais, os algoritmos, o *big data* e as atuais IAs generativas.

Esse conjunto de práticas, comportamentos, valores e expressões também influenciam as Ciências Humanas, como revela a chamada Virada Digital, termo que passou a fazer parte do vocabulário das Humanidades e que é usado para descrever as inovações teóricas e metodológicas decorrentes do uso das tecnologias digitais nas práticas acadêmicas. Essas inovações levaram ao surgimento das Humanidades Digitais no início do século XXI, um campo interdisciplinar que integra as Humanidades e a Ciência da Computação tanto na pesquisa quanto no ensino (Bresciano 2015, 7). No caso específico da História, que é o foco deste artigo, é possível notar mudanças nas bases teóricas e metodológicas, que culminaram na formulação do campo de estudo e pesquisa conhecido como História Digital. Neste breve ensaio, a partir de uma perspectiva histórica, será discutido como a disciplina de História tem acompanhado, explorado e incorporado elementos das tecnologias digitais nas suas práticas teóricas e metodológicas. Para isso será utilizado o conceito de modulação discutido pelo filósofo francês Gilles Deleuze.

O artigo está dividido em duas seções principais. A primeira apresenta o conceito de modulação desenvolvido pelo filósofo francês Gilles Deleuze a partir da obra de Gilbert Simondon, que dizia que modular é moldar de maneira contínua e perpetuamente variável, em seguida será discutida a utilidade desse conceito para a compreensão das transformações nas práticas historiográfica no contexto da difusão das tecnologias digitais e do surgimento da História Digital. Na seção seguinte são apresentados em ordem cronológica 15 textos de historiadores e historiadoras que tem como temática as relações entre História, tecnologias digitais e História

² A dificuldade em nomear o conjunto de transformações das últimas décadas do século XX fez surgir uma profusão de metáforas e conceitos que foram utilizados para definir o período. Globalização foi aquela que se popularizou e tomou conta dos corações e mentes na passagem do século XX para o século XXI. Sobre a globalização, ver Santos 2000; Sevcenko 2001.

Digital³. Nesta segunda seção, o conceito de modulação é mobilizado como ferramenta analítica para, por um lado, compreender como as práticas historiográficas tradicionais se transformaram em resposta às mudanças tecnológicas e, por outro, contribuir para as discussões sobre a delimitação e a busca de uma identidade própria para a História Digital. Além disso, a abordagem cronológica possibilita situar as discussões historiográficas em relação aos contextos de transformações técnicas e permite entender historicamente as modulações da História em suas relações com a tecnologia.

Modulações da História e a História Digital

No começo da década de 1990, Gilles Deleuze afirmou que o computador era a máquina símbolo da Sociedade de Controle (Deleuze 1992, 227). Neste famoso ensaio, o filósofo descreveu a Sociedade de Controle como um regime de poder no qual as narrativas e técnicas de organização e de produção de saber social não operam mais a partir de áreas de confinamento como foram a fábrica, a escola e demais instituições de sequestro da sociedade disciplinar; mas sim ao ar livre, por meio de discursos e processos técnicos. Esse novo estágio das sociedades seria caracterizado pelo “rastreamento” contínuo do indivíduo, pelo endividamento e pelo controle nos espaços abertos. Ele alertava que as Sociedades de Controle não deveriam ser entendidas simplesmente como fruto de uma evolução tecnológica, mas, sim, como uma “mutação no capitalismo”, na qual gostos, salários, hábitos e subjetividades podem ser modulados com o uso de computadores. A modulação é, portanto, uma das características fundamentais da Sociedade de Controle, sendo definida por Deleuze como “uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto ao outro” (Deleuze 1992, 225).

Atualmente, o conceito de modulação vem sendo utilizado de maneira bastante profícua em trabalhos que buscam entender as novas formas de controle propiciadas pelas tecnologias digitais, mais notadamente a “modulação algorítmica” nas redes sociais e seus vínculos com a possível manipulação de subjetividades (Souza, Avelino e Silveira, 2018). Contudo, ao contrário do que se poderia supor, para Deleuze, a modulação não é uma característica exclusiva do digital, de fato, ela é intrínseca ao analógico. Segundo o filósofo, “a analogia no sentido mais estrito e também no sentido estético, pode ser definida precisamente pela modulação” (Deleuze 2008, 167) e assim

³ A lista completa dos textos é a seguinte: *The Historian and the computer* (Shorter 1971); “Documento/Monumento” (Le Goff, 1996); “História e Informática: o ponto da situação” (Morris, 1993); “História e Informática: O uso do computador” (Figueiredo 1997); *Writing, teaching, and researching history in the electronic age: historians and computers* (Trinkle 1998); “Options and Gopherholes: Reconsidering Choice in the Technology-Rich History Classroom” (Sicília, 1998); “History in Hypertext” (Ayers 1999a); “The Pasts and Futures of Digital History” (Ayers 1999b); *Clio wired: the future of the past in the digital age* (Rosenzweig 2011); *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* (Rosenzweig e Cohen 2006); “Defining Digital History” (Andersen 2002); “What Is Digital History?” (Seefeldt e Thomas 2009); “História e Informática” (Tavares 2012); *Digital History e Storiografia Digitale: Estudo Comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)* (Lucchesi 2022); “Teoria da História em tempos digitais” (Saliba 2020).

é “a noção de modulação em geral (e não de similaridade) que é apta a nos fazer compreender a natureza da linguagem analógica” (Deleuze 2007, 118). Além disso, ele não entende o analógico e o digital como coisas distintas ou opostas, na verdade, Deleuze identifica que o digital “enxerta” código no analógico, que tem suas potencialidades produtivas e criativas ampliadas por meio da modulação, que pode ocorrer no tempo, no espaço e simultaneamente em diversos níveis, frequências e amplitudes. Ao utilizar a pintura como exemplo, Deleuze explica que “pintar é modular a luz e a cor” em “função de um sinal de espaço que resulta na figura”, e, logo a noção de modulação indica alternância, variação, capacidade de moldar, produzir e criar algo novo (Deleuze 2008, 168-169). Em suma, modular é moldar de maneira contínua e perpetuamente variável e a modulação produz e é produzida por similaridades, são estes aspectos da modulação deleuziana que nos interessam particularmente neste ensaio.

A noção de modulação, conforme desenvolvida por Gilles Deleuze, oferece uma abordagem conceitual que ajuda a compreender as transformações nas práticas historiográficas no contexto da difusão das tecnologias digitais e do surgimento da História Digital. Nesse sentido, a própria tentativa de uma definição e delimitação da História Digital, que pode ser entendida tanto como um campo de estudo e pesquisa quanto uma prática metodológica, deve ser percebida como uma modulação conceitual e metodológica, uma modulação entre teoria e prática. Além disso, os próprios limites da História Digital também são modulados conforme novas tecnologias e abordagens são desenvolvidas e analisar as modulações destes limites permite identificar permanências e mudanças no campo. Um segundo tipo de modulação, que decorre deste primeiro teórico e metodológico, está relacionado com a interdisciplinaridade, uma vez que nesse contato com as novas tecnologias a História recorre a outras disciplinas como a sociologia, a antropologia e a ciência da computação, para citar apenas algumas.

Outro tipo de modulação, mais evidente, está relacionado ao uso de tecnologias digitais para potencializar práticas tradicionais de pesquisa, escrita, divulgação e ensino de história que são amplificadas com a criação e consulta de bancos de dados e acervos digitais; pelas novas formas de escrita e narrativa histórica com imagens, dados e objetos interativo; por viabilizarem a divulgação em jornais científicos online e as novas modalidades de História Pública; e por permitirem o uso de recursos digitais no ensino, por meio de teleaulas entre outras modalidades de educação remota. Essa modulação é mais evidente pois a História é inexoravelmente atravessada pela cultura digital e a interseção de entre cultura digital e História provoca uma modulação nas práticas historiográficas tradicionais de pesquisa, escrita, divulgação e ensino com o uso de tecnologias digitais. Além de se desdobrar em reflexões teóricas e metodológicas, essa modulação entre as práticas historiográficas tradicionais também abre outro tipo de modulação relacionada com o

nível, a frequência e a amplitude do uso de tecnologias digitais na prática historiográfica. Essa modulação engloba os diversos níveis de uso das tecnologias digitais, que vão desde a utilização de processadores de textos básicos, pesquisas em sites, publicações em jornais acadêmicos *online* e aulas remotas, até sofisticados projetos de *big data*, digitalização, construção e visualização de bancos dados e criação de *softwares* complexos.

Adam Crymble, em seu livro *Technology and the Historian. Transformations in the Digital Age*, de 2021, aborda a influência da tecnologia nos praticantes de estudos históricos na Era Digital como parte de um processo com raízes mais antigas e que é resultado de circunstâncias históricas específicas. Embora o autor afirme que os “historiadores optaram por não reconhecer o papel transformador da tecnologia” ele reconhece que “nenhuma disciplina investiu mais energia e pensamento em tornar suas fontes e evidências publicamente disponíveis, em engajar o público por meio de meios digitais e transformar a memória coletiva de forma política” que a História (Crymble 2021, 2-3). Porém, a falta de reconhecimento dos estudiosos inclinados ao digital em relação ao seu próprio passado e sua fixação em um “presente eterno” e nas promessas de “futuros brilhantes” com as mudanças que ainda estão por vir é entendida por ele como um dos principais problemas desse campo de estudos. De acordo com o historiador, as primeiras tentativas de descrever a História Digital tinham o propósito político de criar pontes entre os historiadores “analógicos” (tradicionais) e os historiadores digitais e essas conversações teóricas e metodológicas em torno das relações entre História e tecnologia precedem, inclusive, a virada digital (Crymble 2021, 8). Portanto, entender historicamente as modulações da história em suas relações com a tecnologia permite, por um lado, compreender como as práticas historiográficas tradicionais se transformaram em resposta às mudanças tecnológicas e, por outro, contribuir para as discussões sobre a delimitação e a busca de uma identidade própria para a História Digital.

Uma história das modulações da História com as tecnologias digitais

As discussões sobre o uso do computador e as redes de comunicação nas práticas historiográficas, bem como os possíveis impactos que essas tecnologias iriam propiciar no trabalho dos historiadores e historiadoras, não são novas. Nas décadas de 1950 e 1960, com a chamada História Serial-Quantitativa, os historiadores sociais, políticos e econômicos passaram a adotar métodos das Ciências Sociais e utilizavam computadores para a análise de taxas de crescimento populacional, casamentos, epidemias, ocupação do espaço, educação e migrações (Anderson 2007). Em 1971, o historiador Edward Shorter, com o livro *The Historian and the Computer. A practical guide*, ofereceu um guia para ajudar historiadores e outros pesquisadores das áreas de humanidades a utilizarem computadores em suas pesquisas quantitativas e para orientar “o leitor nas etapas de um

projeto de pesquisa utilizando o computador e a análise estatística dos resultados” (Shorter 1971, 121).

Neste livro, Shorter ensinou como preparar os dados e preencher os cartões perfurados que eram utilizados nos computadores naquele período e respondeu questões do tipo “quando usar computadores?” ou “quais os procedimentos básicos no uso de computadores?”. Apesar do entusiasmo com as novas possibilidades ele terminou o texto com um conselho: “O computador é apenas uma ferramenta entre muitas para servir a esse propósito. As máquinas não devem ser permitidas a desviar nossa atenção última do estudo dos homens para o estudo dos números” (Shorter 1971, 126). Ou seja, ele alertou os historiadores a não perderem de vista os objetivos intelectuais tradicionais ao utilizarem os computadores. Nesse contexto, a ideia de modulação conforme desenvolvida por Deleuze mostra, por um lado, que a tecnologia é apresentada como uma maneira de expandir o potencial dos historiadores, por outro, que as práticas tradicionais da disciplina, como a problematização da escolha das fontes e a análise crítica das mesmas devem ser mantidas. O texto de Shorter revela ainda que no começo dos anos 1970 os computadores já colocavam em pauta a criação de novas fontes para os historiadores, transformavam a própria noção de memória histórica e punham em questão a noção de documento e o seu tratamento.

No final da década de 1970, em seu famoso texto “Documento/Monumento”⁴, o historiador Jean Jacques Le Goff abordou essa questão e apresentou uma síntese das principais problemáticas do uso de dados gerados por computador no trabalho historiográfico até então. Segundo Le Goff, o computador dilatava a memória histórica em meio à revolução documental propiciada pelo uso de dados quantitativos e seriais. O medievalista ressaltou ainda que não se tratava de uma revolução puramente tecnológica, nem imposta pelo computador, mas, sim, uma “revolução na consciência historiográfica” propiciada pela utilização de novas formas de arquivo (Le Goff 1996, 533). De acordo com ele, a valorização da memória coletiva exigiria uma “nova erudição” capaz de transferir o documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica atendendo às exigências tecnológicas dos computadores e ao mesmo mantendo uma atitude crítica quanto à influência exercida pela tecnologia na produção da memória coletiva (Le Goff 1996, 539). Assim, o *corpus* de dados tomado como documento também deve ser visto como monumento, uma vez que esse corpus é constituído pelo conjunto das relações de poder subjacentes a eles. O impacto dos computadores no âmbito da memória e da documentação, portanto, demandaria uma crítica mais radical dos dados tornados documentos/monumentos,

⁴ O texto foi publicado originalmente no 5º Volume da Encyclopedia Einaudi em 1978 e posteriormente foi incluído na primeira edição do livro História e Memória publicado em 1979.

tanto em termos de autenticidade quanto no fato de que a própria seleção desses dados implica uma escolha subjetiva para os historiadores.

Pensando em termos de modulação, essa crítica radical no trabalho com documentos sugerida pelo medievalista mostra uma síntese entre os métodos historiográficos tradicionais e as práticas digitais. Da mesma forma, a “nova erudição” sugerida por Le Goff, também é uma modulação entre as práticas tradicionais e o uso dos computadores. Logo, questões relativas à autenticidade, à heurística, à hermenêutica e à análise de conteúdo, características da história tradicional, devem agora ser reinterpretadas a partir da modulação da História com o uso de tecnologias digitais. Não é de se estranhar que as preocupações de Le Goff estivessem centradas em aspectos fundamentais da prática historiográfica (arquivos e documentos) e que passavam por mudanças proporcionadas pela utilização de tecnologias digitais na elaboração de cálculos estatísticos e criação de banco de dados históricos. Quando o texto foi publicado, no final dos anos 1970, os cálculos realizados a partir de bases de dados e o armazenamento de informações eram os principais usos dos computadores até então. Os computadores pessoais ainda eram uma novidade; o equipamento havia sido “inventado”⁵ em 1977, apenas dois anos antes do texto.

Na década de 1980, os computadores pessoais foram apresentados como um símbolo da “chegada do futuro” que levaria a humanidade para uma “Era de Conhecimento”, sendo inclusive eleitos “Máquina do Ano” pela Revista Time em 1982⁶. No âmbito da historiografia, essa década foi considerada uma verdadeira “revolução nas relações entre história e informática” com a consolidação da ideia dos arquivos digitais como prova histórica (Bresciano 2015, 22). A facilidade em utilizar e criar bancos de dados, o barateamento e o aumento da capacidade de armazenamento dos computadores permitiram aos historiadores trabalharem com quantidades maiores de informação e modificaram a própria prática de pesquisa e escrita do passado. Além disso, a popularização das tecnologias digitais nesse período começou a modificar o compartilhamento de informações entre pesquisadores e mudou a maneira como os conhecimentos históricos são divulgados e ensinados.

Em texto de 1991, Robert John Morris refletiu sobre o impacto da popularização dos computadores nas práticas historiográficas durante a década de 1980, mostrando que temas abordados no texto de Le Goff haviam se consolidado nesse período. Morris (1993) explicou que desde que começaram a usar computadores, os historiadores se acostumaram a lidar com um volume maior de informações, o que resultou em análises mais rigorosas e maneiras diversificadas

⁵ Um dos marcos do surgimento da computação pessoal foi o computador Apple II, lançado em 1977. Contudo, mais do que uma invenção a criação do computador pessoal pode ser entendida como o resultado do acúmulo de uma série de desenvolvimentos técnicos. Sobre esse processo ver (Winston 1998)

⁶ Ver: Barbrook 2009 e Correia 2018.

de questionar os dados. Para Morris, embora os “fatos” históricos fossem fundamentais para uma prática orientada pela informática, esses “fatos” estariam sempre ligados aos contextos de valores em que eram criados e aos pesquisadores que os utilizavam e, portanto, ele considerava essencial o trabalho tradicional de crítica das fontes e de contextualização. Nas palavras do historiador: “A abordagem da informação processada automaticamente irá exigir não só capacidade de julgamento e imaginação – tão características do ensaio histórico, – mas também o rigor analítico e lógico que outras ciências sociais sempre exigiram aos historiadores” (Morris 1993, 103). Como no texto de Le Goff, o que Morris sugere pode ser entendido como a modulação entre as práticas tradicionais da análise de fontes geradas por computadores, inclusive com a criação de *softwares* destinados aos historiadores⁷.

Cabe destacar, no entanto, que a popularização dos computadores pessoais enfrentou resistência até mesmo entre pesquisadores que utilizavam os equipamentos em seus trabalhos, como foi o caso de Manfred Thaller, então presidente da *Association for History and Computing*. Em entrevista realizada em 1992, Thaller expressou ceticismo em relação ao uso de computadores pessoais nas práticas historiográficas. Para ele, antes do “boom” dos computadores pessoais havia contribuições metodologicamente avançadas que discutiam as dificuldades da aplicação de métodos digitais à história, mas com o aumento significativo de historiadores familiarizados com a informática muitos passaram a usar programas de forma superficial e a divulgarem suas descobertas sem o devido rigor metodológico. Segundo o historiador, os primeiros anos da revolução dos computadores pessoais diminuíram o nível de sofisticação metodológica e conceitual na história e representaram um retrocesso metodológico (Thaller 1992, 164). Essa crítica de Thaller, pode ser interpretada também pelo viés da modulação, uma vez que reflete uma tensão entre a tradição historiográfica e o uso das tecnologias digitais que demandam um maior rigor metodológico e sugere ainda que Thaller entendia que os historiadores deveriam se engajar mais diretamente na produção de soluções digitais, como *softwares* e programas específicos para a prática historiográfica, uma questão que está presente até hoje nas discussões relativas à História Digital.

A partir da década de 1990, o computador pessoal se popularizou rapidamente graças à redução dos preços, à abertura da Internet para fins comerciais, e à difusão de *softwares* com interfaces amigáveis, que facilitaram ainda mais a utilização do equipamento (Correia, 2018). Foi nesse contexto de popularização dos computadores pessoais e da Internet que as tecnologias digitais começaram a chegar com mais premência no cotidiano dos brasileiros, fato que também teve reverberações nos trabalhos historiográficos realizados no Brasil. Em 1997, foi publicada a coletânea *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* organizada por Ronaldo Vainfas e Ciro

⁷ Neste artigo Morris oferece uma lista destas iniciativas

Flamarion Cardoso. Um dos ensaios da coletânea trazia como título “História e Informática: o uso do computador” e foi escrito pelo historiador Luciano R. Figueiredo. O texto apresentou algumas das principais questões e usos das tecnologias digitais na prática historiográfica nesse momento de popularização dos computadores pessoais e da Internet. Luciano R. Figueiredo começou o texto mencionando a “reviravolta silenciosa” iniciada na década de 1960 e a “verdadeira revolução nas relações entre história e informática” ocorrida a partir dos anos 1980, com o barateamento dos microcomputadores. Em certo sentido, o historiador retorna a questões que já haviam sido colocadas por Shorter (1971), Le Goff (1996) e Morris (1993), como, por exemplo, a ampliação da capacidade de memória e a possibilidade de analisar maiores quantidades de informação nos “armazéns eletrônicos”, termo utilizado por Figueiredo para se referir aos computadores.

A proposta do ensaio era fazer “uma aproximação inicial entre o historiador e o uso do computador” com indicações de “possibilidades, recursos e – por que não dizer – vantagens que a informática traz ao longo das rotinas de trabalho do pesquisador e do professor de história” e mostrar que o computador poderia ser muito “mais do que uma máquina de escrever eficiente”. (Figueiredo 1997, 420). Entre as vantagens ele citou: catalogação, referência e controle bibliográfico; edição de texto; transcrição de dados; uso de scanners; planilhas, gráficos, tabelas e banco de dados; e as redes de comunicação nacionais e internacionais. As bases de dados foram apresentadas por ele como “uma das mais poderosas ferramentas para a história”, por permitirem o tratamento de vastas e variadas séries documentais (Figueiredo 1997, 421). Segundo o historiador, neste momento existiam “dois níveis de discussão possíveis a respeito do tema informática e história”, o primeiro relacionado com a instrumentalização e o segundo voltado para questões metodológicas. Estes dois níveis foram discutidos a partir das transformações decorrentes da utilização de computadores para escrever textos, analisar e armazenar dados, reproduzir arquivos multimídia e acessar as redes de comunicação. Os comentários sobre os usos do computador para a escrita de textos, algo tão natural e banal na atualidade, revelam que naquele momento o uso de editores de texto provocava uma transformação na própria noção de linearidade da escrita. Mudança vista pelo historiador como sendo vantajosa e capaz de reduzir qualquer oposição ao uso dos computadores (Figueiredo 1997, 422). O texto também abordou os benefícios do que o autor chamou de “micro transportáveis” (*laptops* e *notebooks*). Segundo Figueiredo (1997, 422), embora fossem raros no Brasil, em outros países eram “poucos pesquisadores que ainda transcreviam documentos à mão” graças aos “micro transportáveis” que ainda ofereciam como vantagens a “indiscutível” economia de tempo e a “menor margem de erros na coleta dos dados”. Contudo, essa poderosa ferramenta apresentava dois tipos de dilemas para os historiadores: um técnico, a incompatibilidade entre bases de dados, e outro epistemológico, “a intervenção junto às fontes

históricas e escolha e hierarquização das informações que devem constituir a base de dados a ser formulada” (Figueiredo 1997, 424). Ou seja, ele retorna à mesma questão posta por Le Goff, de que os historiadores são responsáveis pela escolha das bases de dados que irão usar no trabalho historiográfico.

Ele também chamou a atenção para as “transformações radicais” nas instituições da memória, graças aos bancos de dados com documentação textual, iconográfica e sonora digitalizada. O historiador notou ainda que a disseminação dessas informações, por meio das redes de comunicação, entre pesquisadores e, inclusive, um público mais amplo, mudava a função dos arquivos históricos que deixavam de serem “templos” para se tornarem “redes de informação” (Figueiredo 1997, 429). Outro tema abordado foi o da difusão do conhecimento histórico em meios digitais, como a multimídia que foi descrita como uma das “últimas fronteiras alcançadas pelo desenvolvimento tecnológico” por unir texto, imagem e som, o que seria grande utilidade para difusão e ensino de conhecimentos históricos. O texto também citou iniciativas “embrionárias e experimentais” do oferecimento de disciplinas de informática nos cursos de história no Brasil e, principalmente, no exterior. Sobre a Internet, então uma novidade, ele explicou que ela oferecia para os historiadores importantes canais para acesso e distribuição de informações no formato de livros, artigos, revistas científicas, grupos de discussão, catálogos e coleções de arquivos (Figueiredo 1997, 434). Em resumo, o artigo de Figueiredo (1997) mostra uma modulação da História onde as práticas tradicionais de pesquisa, escrita, divulgação e ensino são potencializadas e transformadas com as tecnologias digitais.

Longe de ser um texto puramente entusiasta da tecnologia, o historiador reforçou que “a circulação das informações não deve impedir a circularidade da crítica”, uma vez que a “ditadura da máquina-dependência” tinha um “custo excessivamente alto” e provocava “excessivo individualismo”, “fragmentação das experiências” e “isolamento” e concluiu o texto afirmando que: “O amanhã - nessa velocíssima vertigem que a ciência informática (e o mercado) introduziu - tornará esse artigo obsoleto. Ainda bem” (Figueiredo 1997, 439). E tornou mesmo, como veremos a seguir. Mas o mais importante é que Figueiredo nos dá uma importante pista sobre as modulações das práticas historiográficas a partir da utilização das tecnologias. Pois essa modulação vai depender das transformações tecnológicas, uma vez que as tecnologias mudam, mas as práticas tradicionais da história continuam sendo a base das novas práticas influenciadas pelas tecnologias digitais.

Nos Estados Unidos, um ano depois do texto de Luciano Figueiredo, foi lançado o livro: *Writing, teaching, and researching history in the electronic age: historians and computers* editado pelo historiador Dennis A. Trinkle. O livro foi o resultado de uma conferência realizada na cidade de Cincinnati nos Estados Unidos em 1997 que reuniu mais de 200 pesquisadores para discutir “o futuro da

história na era dos computadores”. A proposta do livro era “apresentar um panorama das novas perspectivas introduzidas pelos computadores e promover um diálogo sobre suas consequências e armadilhas” (Trinkle 1998, ix). No prefácio, o editor explicou que ao contrário da crença de que “os historiadores são considerados um grupo neoludita”, na verdade eles “têm estado há muito tempo na vanguarda das humanidades, adaptando inovações eletrônicas à sua disciplina”. Trinkle (1998, ix) destacou que já nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, com a invenção de computadores, os historiadores começaram a fazer uso destes equipamentos para manipular conjuntos grandes e complexos de dados e que que nas últimas décadas do século XX a popularização dos computadores pessoais e da internet trazia “novos modos e meios vigorosos para a prática da história”.

O historiador ainda alertou que essas tecnologias não ofereciam apenas vantagem, mas que também tinham limitações e custos econômicos e humanos; e ele complementava que “o caminho que a história tomará na era eletrônica será resultado das escolhas feitas por historiadores individuais e por grupos profissionais” (Trinkle 1998, x). Entre os temas dos artigos presentes na coletânea estavam: o potencial da Internet em remodelar a compreensão da história como disciplina; novas formas de comunicação e publicação acadêmica na “Era Eletrônica”; o uso do computador para aprimorar e expandir o ensino da história; o problema das imagens manipuladas digitalmente; e exemplos de uso vantajoso da tecnologia eletrônica em pesquisas históricas. Ou seja, as modulações nas práticas tradicionais de pesquisa, escrita, divulgação e ensino. Embora os artigos da coletânea apresentem as novas práticas historiográficas digitais em contraste com as práticas tradicionais, na prática, o que se percebe não é uma negação destas formas tradicionais, mas, sim, uma modulação delas a partir do uso de recursos tecnológicos, muitos dos quais hoje são considerados obsoletos, como, por exemplo, o multimídia.

Também é interessante notar que, entre todos os artigos do livro, o adjetivo digital atribuído à história aparece apenas uma vez (Sicilia 1998, 79). Neste artigo, o termo *digital history* é citado em letras minúsculas, o que revela que não se trata nem de um campo de estudos propriamente dito, nem de um conceito, mas, sim, de um conjunto de práticas historiográficas realizadas com a ajuda de ferramentas digitais, que por sua vez deveriam ser usadas de maneira crítica e eficaz para melhorar, em vez de substituir, os métodos de ensino tradicionais. Aqui a ideia de história digital, em minúsculas, mais uma vez pode ser entendida como uma modulação das práticas tradicionais que são aprimoradas com o uso das ferramentas digitais.

Um ano depois, em 1999, o termo *digital history*, novamente em letras minúsculas, foi citado nominalmente nos artigos “History in Hypertext” e “The Pasts and Futures of Digital History”, que foram escritos pelo historiador Edward L. Ayers e publicados no site do Centro de História

Digital da Virgínia (*The Virginia Center for Digital History - VCDH*). “History in Hypertext” aborda as possibilidades estéticas e analíticas do hipertexto e o que Edward Ayers chamou de história hipertextual, que corresponderia às “novas narrativas históricas” produzidas com arquivos digitais que quebravam a “linearidade do passado” (Ayers 1999a). O termo *digital history* apareceu duas vezes no texto, uma para explicar que ela não iria minar os esforços tradicionais da escrita da história, pois, segundo o autor, os estilos de pesquisa histórica haviam mudado relativamente pouco “desde o nascimento da história profissional”, uma vez que os historiadores seriam “mais conservadores epistemologicamente e metodologicamente entre os acadêmicos”. Na segunda menção, ele relacionou a história digital com a apresentação de evidências em quantidades enormes que podem ser examinadas e manipuladas a partir de diferentes ângulos (Ayers 1999a). Por sua vez, o texto “The Pasts and Futures of Digital History” voltou ao tema das possibilidades de escrita da história a partir da difusão dos arquivos digitais e do hipertexto, além de abordar o uso de realidade virtual no ensino de história. Nas palavras do historiador: “As mudanças na tecnologia da informação, muito distantes de qualquer consideração dos seus possíveis usos para a nossa disciplina, tornaram-nos possíveis pensar em novas formas de abordar o passado” (Ayers 1999b). A ideia de história digital presente em Ayers é essencialmente uma modulação entre as práticas tradicionais, que não seriam mudadas, mas sim aprimoradas pelo uso das tecnologias digitais. Além disso, o texto discute ainda a modulação teórica e conceitual uma vez que a História Digital pode ser entendida como modulação entre um campo de estudos e a uma metodologia baseada no uso de recursos digitais para a pesquisa, a escrita, a divulgação e o ensino da história. Desde o final da década de 1990, Edward L. Ayers, participa de inúmeros projetos que ajudaram a formular algumas das bases do que se convencionou chamar de História Digital⁸. Seus dois textos sintetizaram os principais temas das modulações da história na cultura digital nas últimas décadas do século XX que podem ser exemplificadas pelas transformações na escrita da história, a revolução documental como o excesso de fontes, o uso dos recursos digitais na difusão dos conhecimentos históricos, que também estão presente nos textos de Shorter, Le Goff, Morris, Figueiredo e Trinkle.

Às vésperas da chegada do novo milênio, as preocupações e discussões em torno do chamado Bug do Milênio mostraram que, na virada para o ano 2000, os computadores e a Internet haviam se enraizado nos mais variados aspectos da experiência cotidiana⁹. O rápido crescimento

⁸ Entre 1998 e 2005, Edward L. Ayers foi o responsável pelo Centro de História Digital da Virgínia (*Virginia Center for Digital History VCDH*) (<http://www.vcdh.virginia.edu>) e desde 2015 é um dos responsáveis pelo projeto New American History (<https://www.newamericanhistory.org>). Em uma conferência recente ele contou um pouco da sua trajetória: https://youtu.be/_g2SfZW-xY4?si=7fB39FoGD6ocgXb-. Acesso em 27 dez. 2023.

⁹ Em várias partes do planeta, jornais e programas de televisão dedicaram muitas páginas e minutos preciosos das grades de programação para tratar do tema e governos, como o brasileiro, investiram em propagandas veiculadas nos meios de comunicação para tranquilizar a população para os efeitos do Bug do Milênio. Na Inglaterra, a empresa aérea

da internet na década de 1990 foi acompanhado também pelo aumento da especulação em torno das ações financeiras de empresas de tecnologia na bolsa eletrônica *Nasdaq*. Como consequência, a bolha especulativa das empresas *dotcom* acabou estourando nos primeiros anos do século XXI e provocou uma série de fusões e falências nas empresas do setor e marcou o surgimento da chamada de *web 2.0*. A *Web 2.0* é uma mudança na maneira como usuários utilizam e desenvolvedores projetam a internet e que se caracteriza pela interatividade, mas também pela centralização e o controle. Esse é o contexto da popularização dos mecanismos de buscas como o Google, da disseminação das redes sociais, dos comunicadores instantâneos, dos blogs pessoais, do início da ampliação do acesso à telefonia móvel e do surgimento de sites como a Wikipedia, que utilizam recursos *wiki*¹⁰

Um panorama das mudanças propiciadas pelas tecnologias digitais na virada do século é encontrado no livro *Clio Wired: The Future of the Past in the Digital Age*, uma coletânea póstuma de textos publicados entre 1994 e 2006 pelo historiador americano Roy Rosenzweig que foi lançada em 2011¹¹. Embora os textos de *Clio Wired* não cite em nenhum momento o termo História Digital, na introdução escrita por Anthony Grafton fica evidente o papel de Roy Rosenzweig na consolidação do campo de estudo. Roy Rosenzweig ficou conhecido por diversas iniciativas que utilizavam tecnologias digitais nas práticas historiográficas tradicionais e inclusive a participação de historiadores na criação de *softwares* e outras ferramentas para auxiliar na produção do conhecimento histórico¹². De fato, em vida, o último livro de Roy Rosenzweig foi publicado em 2006, em co-autoria com o historiador Daniel Cohen e recebeu o nome de *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Na prática, a proposta do livro era incentivar os historiadores a colocarem a “mão na massa” e criarem seus próprios sites de difusão de conhecimento histórico.

O livro trouxe um guia para que tanto pessoas leigas quanto historiadores profissionais conseguissem planejar, compreender e escolher tecnologias adequadas para a criação de um site de

British Airways cancelou mais da metade dos voos programados para a virada do ano por falta de passageiros, que receavam que as falhas nos sistemas computadorizados provocassem queda de aviões (McDowell 1999).

¹⁰ *Wiki* se refere tanto a sites colaborativos que permitem edição coletiva de conteúdo, como a Wikipedia, quanto a própria tecnologia que permite a criação desse tipo de site.

¹¹ Os textos fornecem um quadro das principais questões que permearam os debates sobre a disciplina de história e as tecnologias digitais entre os anos de 1994 e 2006 quando foram originalmente publicados. Entre os temas abordados no livro estavam: o paradoxo da escassez/abundância das fontes; a preservação do passado e os arquivos na “Era Digital”; a questão da verdade e do conhecimento na Internet; o uso do hipertexto na produção do conhecimento histórico; a escrita da história com computadores; a coleta de dados históricos online, entre outros exemplos de usos das tecnologias digitais na prática historiográfica.

¹² Ele realizou uma série de projetos que podem ser enquadrados no campo da História Digital e foi o responsável pela criação do Centro para a História e a Nova Mídia (*Center for History and New Media - CHNM*), na Universidade George Mason em 1994 e entre os projetos estão a publicação do jornal acadêmico anual *Current Research In Digital History*, ferramentas como o software de organização de imagens digitais *Tropy*, além de sites e *podcasts*. Ver <https://rrchnm.org/our-work/>. Acesso em 27 dez. 2023.

história “fácil de usar, acadêmico e interativo”. Para isso, os autores ofereceram dicas de digitalização de documentos, debateram questões de direitos autorais, uso justo e deram conselhos para garantir a preservação a longo prazo. Embora vissem a tecnologia como uma forma de potencializar o trabalho dos historiadores, os autores afirmavam que não se alinhavam nem com os “entusiastas otimistas” da tecnologia, nem com os “pessimistas apocalípticos”, mas sim com os “tecnorealistas”¹³, para os quais “fazer história digital envolve estar ciente das vantagens e desvantagens da tecnologia, maximizando as primeiras enquanto minimiza as últimas” (Rosenzweig e Cohen 2006, 3). Este trabalho nos interessa particularmente pois ele é representativo das modulações da história, uma vez que os autores apresentaram a História Digital tanto como um campo de estudos, quanto como uma metodologia de pesquisa, escrita, divulgação e ensino¹⁴. Ou seja, a ideia de modulação teórica e conceitual e da modulação como uma forma de melhorar, aperfeiçoar as práticas tradicionais. Além disso, a introdução do livro também revela que algumas práticas que antes eram vistas como novidade e se tornaram tão difundidas que provocavam estranhamento em quem não as praticava:

Nas últimas duas décadas, novas mídias e novas tecnologias desafiaram os historiadores a repensar as maneiras como pesquisam, escrevem, apresentam e ensinam sobre o passado. Quase todo historiador considera um computador como equipamento básico; colegas veem aqueles que escrevem seus livros e artigos sem a ajuda de software de processamento de texto como objetos de curiosidade. Professores de história trabalham em seus *slides* do *Powerpoint* [...]. O e-mail e a troca de mensagens instantâneas ampliaram círculos de comunicação e debate entre praticantes de história dispersos, estudiosos e entusiastas amadores (Rosenzweig e Cohen 2006, 2).

A difusão acelerada das tecnologias digitais provocou uma rápida “naturalização” dos “usos e abusos” destas tecnologias na prática historiográfica e no decorrer da primeira década dos anos 2000, conforme as tecnologias digitais ganhavam mais premência na experiência cotidiana, a chamada História Digital começou a se consolidar como um campo de estudos propriamente dito. Já em 2002, no editorial “Defining Digital History”, Deborah Lines Andersen destacou essas transformações ao analisar artigos publicados no *Journal of the Association for History and Computing (JAHIC)*. A historiadora observou que a revolução digital não apenas tinha alterado os métodos de pesquisa e ensino, mas também exigia novas definições e entendimentos das práticas historiográficas. Segundo Andersen (2002), “o campo da história passava por uma mudança na forma como os acadêmicos utilizavam e acessavam informações” e a abordagem dos historiadores em relação às fontes e métodos tradicionais passava por uma reconfiguração. Ela salientou a

¹³ Conhecidos como tecnorealistas se apresentavam como o caminho do meio, uma alternativa entre os tecno-utópicos (“entusiastas otimistas”) e os neoluditas (“pessimistas apocalípticos”). Ver Lemos, 2023.

¹⁴ Os autores identificaram sete qualidades das tecnologias digitais que poderiam potencializar o trabalho dos historiadores: capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade. E também indicaram cinco perigos e ameaças da “supervia da informação”: qualidade, durabilidade, legibilidade, passividade e inacessibilidade (Rosenzweig e Cohen, 2006)

complexidade em se definir a História Digital, uma vez que se tratava de um campo complexo e multifacetado que ia desde a digitalização de fontes primárias tradicionais até o uso avançado de tecnologias como simulações de realidade virtual e sistemas de informação geográfica (GIS).

Andersen destacou que a abrangência das mudanças provocadas pela “digitalização” nas práticas de ensino, comunicação, pesquisa e publicação na área da história demandavam uma padronização na terminologia e a formação de historiadores capazes de integrar essas tecnologias de maneira crítica e reflexiva. Para ela, a instabilidade na terminologia era reflexo da rápida evolução tecnológica e da necessidade constante de atualização e adaptação por parte dos historiadores. O que mostrava a História Digital como um campo dinâmico, marcado pela integração de novas tecnologias, e pela transformação contínua das práticas historiográficas. Essa instabilidade na terminologia e a dificuldade de definição da História Digital, portanto, deve ser entendida como um reflexo das modulações conceituais e teóricas das práticas historiográficas suscitadas pelas tecnologias digitais em constante transformação devido aos desenvolvimentos técnicos.

Sete anos depois, em 2009, dois historiadores ligados ao VCDH voltaram ao tema da definição do que seria a História Digital. Escrito por Douglas Seefeldt e William G. Thomas, o artigo “What is Digital History?” afirma a novidade da História Digital como “um campo totalmente novo” que ainda carecia de uma definição mais precisa pois estava sendo conceitualizado “à medida que os historiadores experimentavam com esse novo meio” (Seefeldt e Thomas 2009). Para os autores, esse “campo totalmente novo” precisava de uma definição pois “sem exemplos bem definidos de produção acadêmica digital, melhores práticas estabelecidas e, especialmente, critérios claros de avaliação, poucos acadêmicos se envolveram totalmente com o meio digital” (Seefeldt e Thomas 2009). A definição proposta pelos historiadores foi a seguinte:

A história digital pode ser entendida de forma ampla como uma abordagem para examinar e representar o passado que trabalha com as novas tecnologias de comunicação do computador, da Internet e dos softwares. Por um lado, a história digital é uma arena aberta de produção e comunicação acadêmica, abrangendo o desenvolvimento de novos materiais didáticos e esforços de coleta de dados acadêmicos. Num outro nível, a história digital é uma abordagem metodológica enquadrada pelo poder hipertextual destas tecnologias para criar, definir, consultar e assinalar associações no registro humano do passado. Fazer história digital, então, é certamente digitalizar o passado, mas é muito mais do que isso. É criar uma estrutura por meio da tecnologia para que as pessoas experimentem, leiam e acompanhem uma discussão sobre um importante problema histórico (Seefeldt e Thomas 2009).

O entendimento desse campo “totalmente novo” proposto pelos autores é amplo e opera em diversos níveis que variam de práticas de digitalização de acervos, abordagens metodológicas e formas de produção e comunicação da história. Essa variedade nos sentidos da História Digital é mais um exemplo das modulações impostas pela cultura digital à pesquisa, à escrita, à divulgação e ao ensino de História. Os historiadores argumentaram que “a história digital, talvez mais do que a analógica, convida estudantes e o público para o processo digital” e permite que as pessoas

“investiguem e formem suas próprias associações interpretativas” (Seefeldt e Thomas 2009). Esta interatividade, uma marca registrada da web 2.0, não apenas transforma a maneira como a história é consumida, mas também como é produzida e ensinada. A digitalização dos acervos, as novas metodologias de pesquisa e as formas inovadoras de comunicação acadêmica criam um campo onde a interdisciplinaridade e o cruzamento de fronteiras são essenciais e envolvem historiadores e outros profissionais no uso de ferramentas digitais. Como é possível notar, nessa tentativa de definição da História Digital são percebidos três tipos de modulação da História: a modulação das práticas tradicionais, a modulação interdisciplinar e a modulação conceitual, uma vez que a definição dos autores ressalta a variedade de práticas e abordagens da História Digital.

Essas mudanças identificadas pelos autores refletem um movimento mais amplo na sociedade no final da primeira década do século XXI, onde as promessas de maior participação política e democrática, proporcionadas pelas tecnologias digitais, geraram um otimismo significativo¹⁵. Nesse contexto de intensas mudanças propiciadas pelas tecnologias digitais, pesquisadores das áreas de Humanidades se voltavam para os impactos dessas transformações na sociedade e por consequência nas próprias Ciências Humanas. Em 2011, foi publicado o *Manifesto das Humanidades Digitais*, que era resultado da percepção de que o digital alterava as condições de produção do conhecimento. Neste manifesto, as Humanidades Digitais eram apresentadas como uma “transdisciplina portadora de métodos e dispositivos e das características heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e sociais” e composta por uma comunidade multilíngue presente em mais de 24 países¹⁶. O manifesto também reforçou o papel das Humanidades Digitais para “o progresso do conhecimento, o reforço da qualidade da pesquisa em nossas disciplinas, e o enriquecimento do saber e do patrimônio coletivo” e defendeu a divulgação, a circulação e o livre enriquecimento dos métodos, do código, dos formatos e dos resultados da pesquisa (Dacos 2011).

Alguns críticos sugerem que embora as Humanidades Digitais sejam apresentadas como um campo aberto e transdisciplinar, os “humanistas digitais” muitas hierarquizam e categorizam os pesquisadores entre aqueles que criam novos produtos e ferramentas e aqueles que apenas discutem teoricamente as tecnologias¹⁷. Outros sugerem que as Humanidades Digitais podem ser entendidas como uma estratégia e uma alternativa das áreas de Humanidades contra os cortes de

¹⁵ Em várias partes do mundo começam a emergir movimentos sociais, como o *Occupy Wall Street* e a chamada Primavera Árabe, que se organizavam e se mobilizavam pela Internet. Ver (Castells 2013; Gerbaudo 2012; 2017)

¹⁶ Segundo dados do site <https://humanidadesdigitais.org/>, em 2011 existiam aproximadamente 114 Centros de Humanidades Digitais ao redor do mundo, desses, 44 estavam nos Estados Unidos, outros 40 na Europa e o restante no resto do mundo, sendo dois no Brasil. Disponível em <https://www.ucl.ac.uk/infostudies/melissa-terras/DigitalHumanitiesInfographic.pdf>. Acesso em 15 dez. de 2023.

¹⁷ Sobre esse tema ver o debate “hack versus yack” em Nowvskie 2016.

verbas que marcavam as instituições de ensino superior e que se acentuaram a partir da crise econômica de 2008 (Grusin 2014). Por outro lado, ao colocar em pauta questões como como práticas de acesso, distribuição, legibilidade, atuação dos campos do saber, papel da esfera pública e de outros espaços de disseminação do saber, as Humanidades Digitais também oferecem um contraponto necessário à invasão da filosofia do Vale do Silício via grande Universidades Americanas, na formação educacional digital (Silva, Almeida e Hooper 2016). De todo modo, e em linhas gerais, as Humanidades Digitais podem ser definidas como um campo de pesquisa interdisciplinar que busca integrar métodos digitais e computacionais às ciências humanas tradicionais, tais como literatura, filosofia, linguística, arqueologia e história, e criar novas práticas e linguagens aplicáveis a várias disciplinas. Assim, a História Digital pode ser entendida como um subcampo das Humanidades Digitais que apresenta características próprias, afinal ela se concentra especificamente no uso de tecnologias digitais para a pesquisa, escrita, divulgação e ensino de história. Além disso, dentro das Humanidades Digitais, a História Digital ocupa um lugar privilegiado, pois, apesar da desconfiança e da indiferença de uma parte dos historiadores e historiadoras, a preocupação com o impacto das tecnologias digitais está presente na historiografia desde pelo menos a década de 1960 (Bresciano 2015). Por fim, um olhar atento para o *Manifesto das Humanidades Digitais*, revela ainda que temáticas presentes no texto já estavam sendo discutidas no campo da História, como, por exemplo, a questão da divulgação dos conhecimentos e dos dados abertos nas redes digitais e a memória coletiva.

No ano seguinte ao lançamento do *Manifesto das Humanidades Digitais*, em 2012, foi publicada uma nova coletânea organizada por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, que recebeu o nome de *Novos Domínios da História*. Esta edição também contou com um texto sobre “História e Informática”, mas dessa vez sem o subtítulo “o uso do computador”. O texto foi escrito pela historiadora Célia Cristina da Silva Tavares e é uma espécie de versão 2.0 do texto de Luciano Figueiredo publicado 15 anos antes. A historiadora abordou o tema das fontes e da preservação; os processos de digitalização de documentos; as implicações relativas aos direitos autorais; e o fato de que a escolha das fontes partia do historiador: “computadores ou quaisquer ferramentas utilizadas nunca iriam substituir a atuação do profissional de história, a escolha de critérios e referências que cabe somente a ele estabelecer” (Tavares 2012, 305). Apesar da repetição destes temas, o texto da historiadora revela como a tecnologia havia se transformado entre 1997 e 2012. Enquanto Figueiredo destacou principalmente aspectos dos computadores pessoais na escrita de textos, no processamento e armazenamento de dados, criação de arquivos digitais e reprodução de arquivos multimídia, Célia Cristina da Silva Tavares enfatizou os sites de internet, como o Google,

a Wikipedia, as redes sociais, a computação em nuvem e as modalidades de educação à distância propiciadas pela Internet.

Os 15 anos que separam os dois textos ainda dão pistas do processo de difusão e recepção dos computadores portáteis que “tornaram-se companheiros fundamentais dos historiadores dedicados à pesquisa arquivística ou mesmo livresca” e da mudança de mentalidade dos historiadores em relação à utilização dos computadores. Isso porque ela identificava que “ainda na década de 1990, a maioria dos historiadores “repudiava” o uso desta poderosa ferramenta [o computador]” (Tavares 2012, 304) e agora (em 2012) o assunto era tema de discussões de importantes historiadores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Robert Darnton. Como Figueiredo (1997), a historiadora citou a obsolescência tecnológica e defendeu uma postura crítica como atitude obrigatória em relação aos meios digitais que “provocam ansiedade” e permitem “a difusão de conteúdos inverídicos, por vezes apresentados com a aparência de verdade” (Tavares 2012, 308). Ao retomar temas já presentes em Figueiredo, mas apresentar outras abordagens tecnológicas para esses temas, o texto de Tavares revela que a modulação da história depende e sofre influência dos desenvolvimentos técnicos. E a despeito da autora não usar em momento algum o termo História Digital e nem recorrer aos trabalhos de Roy Rosenzweig ou Edward Ayres ou mesmo citar as Humanidades Digitais, os temas abordados por ela são parte das discussões tanto da História Digital quanto das Humanidades Digitais.

Com efeito, embora o conceito de História Digital já fosse difundido nos Estados Unidos na primeira metade dos anos de 2010, o campo de estudos e de práticas historiográficas relacionadas às tecnologias digitais ainda carecia de um olhar mais atento em lugares como o Brasil. É o que mostrou a dissertação defendida por Anita Lucchesi em 2014¹⁸. Neste trabalho, a historiadora compara duas tendências historiográficas: a *Storiografia Digitale*, nomenclatura italiana inspirada pelo livro de mesmo nome do historiador italiano Dario Ragazzini, e a *Digital History*, nomenclatura estadunidense inspirada, principalmente nos trabalhos de Roy Rosenzweig e de Edward Ayres. Anita Lucchesi relacionou essas duas tendências ao contexto do tempo presente e a existência de um projeto de fundo comum entre estas duas correntes que se caracterizam por serem “inscritas no ciberespaço, escritas digitalmente (hipertextualmente) e divulgadas na rede” (Lucchesi 2022, 203). Entre as distinções destas duas tendências estariam as diferenças de concepção em termos de práticas, metodologias e conceitos, mas também de recursos financeiros, políticos e humanos (Lucchesi 2022, 204).

¹⁸ A dissertação deu origem ao livro *Digital History e Storiografia Digitale: Estudo Comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)* publicado em 2022 e que está sendo utilizado nesta discussão

Para Lucchesi (2022, 203): “A ausência de um consenso sobre a definição do conceito/campo/método/disciplina ‘História Digital’ ou ‘Historiografia Digital’” seria, “na verdade, um signo dessa transição da cultura impressa para a cultura digital”. Assim, essa distinção entre as práticas americanas e italianas e a falta de consenso sobre o que constitui a História Digital evidencia a noção de modulação da história e as tecnologias digitais, uma vez que análise de Lucchesi sobre a *Storiografia Digitale* e a *Digital History* revela não apenas diferenças metodológicas e conceituais, mas também um panorama mais amplo de como diferentes contextos culturais, acadêmicos e tecnológicos modulam as práticas historiográficas. A partir da segunda metade dos anos 2010, com a aceleração da difusão das tecnologias digitais, a cultura digital começou a ocupar cada vez mais espaço e interferir de maneira direta na realidade e nos espaços de experiência e nos horizontes de expectativa. No rescaldo da mobilização política nas “redes de indignação e esperança” (Castells 2013), emergiu uma onda conservadora da extrema direita que ascendeu ao poder em várias partes do mundo usando as redes digitais como instrumento de difusão de ideologias anti-minorias, propagação de discursos de ódio e divulgação de *fake-news* (Cesarino 2022).

Paralelamente, nesse período começam a despontar perfis em redes sociais, canais no Youtube e podcasts com temas históricos e as Humanidades Digitais e a História Digital passaram a ocupar um espaço maior nas Universidades brasileiras, embora de maneira ainda tímida¹⁹. Sintomático dessa transformação é que mesmo no tradicional curso de História da Universidade de São Paulo há abertura para o oferecimento de disciplinas como o curso de Teoria da História ministrado pelo professor Elias Thomé Saliba, que discute as mudanças provocadas pela cultura digital na historiografia. As discussões desta disciplina de Teoria da História foram sintetizadas em um artigo publicado em 2020, no qual Elias Saliba analisa o papel da teoria da história como reflexão crítica e metódica e “sismógrafo” das inquietações na disciplina de história, abordando as sucessivas viradas epistemológicas da disciplina, como a linguística, a cultural, a subjetiva e a atual digital. Em seguida, ele apresenta uma caracterização do mundo digital, inserido na dinâmica do capital, da cultura e da política, e o papel da Internet como instrumento de comunicação, registro, presentificação, esquecimento e mobilização. De acordo com o historiador, a “voragem digital” provoca um esgarçamento da memória subjetiva por meio da presentificação; assim em um contexto de excesso de deslumbramento tecnológico, excesso de informação e da doença do curto prazo, os historiadores podem contribuir com o olhar de longa duração e também no combate às fake news, uma vez que “o conhecimento histórico ainda é o motor que nos empurra em direção de um mundo mais verdadeiro e mais justo” (Saliba 2020, 34). As discussões presentes no texto de

¹⁹ Em 2009 foi criado um grupo de Pesquisa de Humanidades Digitais na Universidade de São Paulo e em 2018 foi criado o Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo.

Saliba (2020), é mais um indício de como as tecnologias digitais e a virada digital provocam uma modulação teórica e metodológica na disciplina de História.

Nesse mesmo ano de 2020, a Pandemia de Coronavírus catalisou, acelerou e criou novas tendências, propiciando uma intromissão ainda maior da cultura digital nos espaços de experiência cotidianos. As medidas do chamado isolamento social expandiram e popularizaram modalidades de trabalho e de aulas remotas, além de videoconferências, palestras e as chamadas *lives* transmitidas ao vivo para todo o planeta. Mesmo aqueles mais avessos à tecnologia foram lançados compulsoriamente no mundo digital de uma hora para a outra. Professores de todas as partes do planeta precisaram se adaptar para ministrar aulas síncronas e assíncronas, e muitos perceberam, de maneira quase traumática, que a experiência nos dispositivos de videoconferência era bem diferente da praticada nas salas de aula tradicionais. Por outro lado, muitos professores e pesquisadores passaram a ter contato com softwares para criação de apresentações de *slides*, entre outros recursos digitais que contribuem para o ensino, a pesquisa e, inclusive, a extensão. Ou seja, a Pandemia impulsionou ainda mais as modulações das práticas historiográficas. Ainda em 2020, o *Journal of Digital History (JDH)*, vinculado ao Centro de História Contemporânea de Luxemburgo (*Luxembourg Centre for Contemporary and Digital History - C²DH*) da Universidade de Luxemburgo e Gruyter, abriu sua primeira chamada de artigos com a proposta inovadora de ser uma “plataforma de publicação em várias camadas para estudos acadêmicos baseados em dados no campo da história digital” (Fickers e Clavert 2021). Os artigos do site são apresentados em um formato de acesso que mistura texto, visualização de dados, linhas de código em linguagem *Python* e material audiovisual. No Brasil, a História Digital parece ter se consolidado nos últimos anos com a publicação de dossiês²⁰, coletâneas (Nicodemo, 2022) e importantes estudos teóricos e metodológicos como (Barros 2022; Pereira 2022), além do já citado trabalho de Anita Lucchesi publicado como livro também em 2022.

Seja como for, esse processo de intensificação do uso de recursos tecnológicos nas abordagens historiográficas tem despertado a atenção inclusive de historiadores e historiadoras que não se identificam com a História Digital, fato que mais uma vez evidencia as diversas modulações da História nas suas interseções com as tecnologias digitais. Assim, parafraseando Alex Reid, no final das contas, a História Digital talvez seja simplesmente a historiografia feita no momento

²⁰ Conf. História Digital: Perspectivas, Experiências e Tendências, 2017 (<http://bit.ly/3S0fYLLK>) e História global e digital: novos horizontes para a investigação histórica, 2020 (<https://bit.ly/48CseaD>). Acesso em 27 dez. 2023.

presente²¹ a partir das modulações da História desencadeadas pelas tecnologias digitais e quem sabe daqui uns anos não estaremos nos referindo a uma História Quântica²²?

Considerações Finais

Os textos apresentados no decorrer desse artigo foram escolhidos por permitirem discutir as diversas modulações da História na sua relação com as tecnologias digitais²³, e por fornecerem também um quadro da história das tecnologias digitais e das implicações dessas tecnologias nas práticas historiográficas do final do século XX e começo do século XXI. As modulações discutidas a partir de uma perspectiva histórica mostram recorrências de temas, tópicos e questões relacionadas com as “perturbações” provocadas na historiografia pela difusão e popularização das tecnologias digitais. Compreender estas perturbações a partir do conceito de modulação abre uma perspectiva teórica e metodológica para enfrentar os desafios impostos pela cultura digital à História e suas práticas de pesquisa, escrita, divulgação e ensino; e também na própria tentativa de uma delimitação para a História Digital. A noção de modulação pode explicar a dificuldade de se delimitar a História Digital, uma vez que esta pode ser vista como o resultado das modulações da História discutidas no artigo. Os textos podem contribuir, inclusive, para uma História da Ciência e da Tecnologia, pois oferecem indícios do processo de difusão e recepção de novas tecnologias entre os historiadores e historiadoras. Por fim, em um contexto de aceleração da difusão de novas tecnologias, a História Digital tem uma importância fundamental, não apenas porque ela permite pensar as diversas modulações da História com a difusão destas tecnologias, mas porque a História Digital também pode proporcionar uma visão crítica, ética e política das transformações desencadeadas pela cultura digital.

Referências bibliográficas:

- Andersen, Deborah Lines. “Defining Digital History”. *Journal of the Association for History and Computing*, 5, n. 1 (2002). <http://hdl.handle.net/2027/spo.3310410.0005.103>.
- Anderson, Margo. “Quantitative History”. Em *The Sage Handbook of Social Science Methodology*, org. William Outhwaite, e Stephen Turner, 246-63. Londres: Sage Publications, 2007.
- Ayers, Edward L. 1999a. “History in Hypertext”. The Virginia Center for Digital History. <http://www.vcdh.virginia.edu/Ayers.OAH.html>.

²¹ No original “The Digital Humanities are just the humanities of the present moment”. Disponível em <https://humanidadesdigitais.org/breve-panorama/>. Acesso em 26 dez. 2023

²² A computação quântica opera a partir de preceitos da mecânica quântica e ainda está estágios iniciais de desenvolvimento. Sendo a principal diferença da computação clássica, que trabalha com a lógica binária (0 e 1), é o uso de qubits, nos quais o 0 e o 1 podem se sobrepor e coexistir.

²³ Não era objetivo fazer uma revisão sistemática da literatura sobre as relações entre a História e as tecnologias digitais, de todo modo, as referências bibliográficas presentes nos trabalhos discutidos no presente artigo dão conta de uma biografia básica sobre o tema.

Ayers, Edward L. 1999b. “The Pasts and Futures of Digital History”. The Virginia Center for Digital History. <http://www.vcdh.virginia.edu/PastsFutures.html>.

Barbrook, Richard. *Futuros Imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009.

Barros, José D’Assunção, org. *História Digital. A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022.

Bresciano, Juan Andrés e Tiago Gil, org. *La Historiografía ante el Giro Digital. Reflexiones teóricas y prácticas metodológicas*. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2015.

Castells, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Cesarino, Letícia. *O Mundo do Averso. Verdade e Política na Era Digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Correia, Luiz Filipe. “Modulações entre o analógico e o digital: apontamentos históricos da inserção do Brasil na era da informação (1977-2000)”. Tese de doutoramento, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2018.

Crymble, Adam. *Technology and the Historian. Transformations in the Digital Age*. Chicago: University of Illinois Press, 2021.

Dacos, Marin. 2011. “Manifesto das Humanidades Digitais”. Humanidades Digitais. <http://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais>.

Deleuze, Gilles. “Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle.” Em *Conversações 1972-1990*, 223-230. São Paulo: Editora 34, 1992.

Deleuze, Gilles. *Francis Bacon. Lógica da Sensação*. São Paulo: Zahar, 2007.

Deleuze, Gilles. *Pintura. El concepto de diagrama*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

Fickers, Andreas e Frédéric Clavert. “On Pyramids, Prisms, and Scalable Reading”. *Journal of Digital History*, n. jdh001 (2021): 1-13. <https://journalofdigitalhistory.org/en/article/jXupS3QAeNgb>.

Figueiredo, Luciano R. “História e Informática: O uso do computador”. Em *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*, org. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, 591–620. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 1997.

Gerbaudo, Paolo. *The Mask and the Flag. Populism, Citizenism and Global Protest*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Gerbaudo, Paolo. *Tweets and The Streets Social Media and Contemporary activism*. London, New York: Pluto Press, 2012.

Grusin, Richard. “The Dark Side of Digital Humanities: Dispatches from Two Recent mla Conventions”. *Differences. A Journal of Feminist Cultural Studies* 25, no 1 (2014): 79–92.

Kosselleck, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RJ, 2006.

Le Goff, Jacques. “Documento/Monumento”. Em *História e Memória*, 462-478. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

Lemos, André. 2023. “O imaginário da Cibercultura. Entre o Neo-Ludismo, Tecno-Utopia, Tecnorealismo e Tecnosurrealismo.” *Facom UFBA/ Ciberpesquisa*. <https://bit.ly/3TJuRDG>.

Lucchesi, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: Estudo Comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Recife: EDUPE, 2022.

McDowell, Edwin. “Business Travel: Y2K Concerns Causing Airlines to Cut Flights on New Year’s Eve”. *The New York Times*, 6 de outubro de 1999. <https://bit.ly/48eqiFL>.

- Morris, Robert John. “História e Informática: o ponto da situação”. *Ler História*, n. 24 (1993), p. 93-106.
- Nicodemo, Thiago Lima. *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022.
- Nowviskie, Bethany. “On the Origin of ‘Hack’ and ‘Yack’.” Em *Debates in the Digital Humanities*, org. Matthew K. Gold e Lauren F. Klein. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016. <https://dhdebates.gc.cuny.edu/read/untitled/section/83c24044-7c7a-44b7-8a07-0fdaf3655943#cvi>.
- Pereira, Mateus Henrique de Faria. *Lembrança do Presente. Ensaios sobre a condição histórica na Era da Internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- Rosenzweig, Roy. *Clio wired: the future of the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011.
- Rosenzweig, Roy, e Daniel J. Cohen. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- Saliba, Elias Thomé. “Teoria da História em tempos digitais”. Em *Teorizar aprender e ensinar história*, org. Marcia de Almeida Gonçalves, 16-39. Rio de Janeiro: FGV Editora. FAPERJ, 2020.
- Santos, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.
- Seefeldt, Douglas, e William G. Thomas. “What Is Digital History?”. *Perspectives on History, Intersections: History and New Media*, 47, n. 4 (2009). <https://www.historians.org/perspectives-article/what-is-digital-history-may-2009/>.
- Sevcenko, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Shorter, Edward. *The Historian and the computer*. New Jersey: Prentice-Hall, 1971.
- Sicilia, David B. “Options and Gopherholes: Reconsidering Choice in the Technology-Rich History Classroom”. Em *Writing, teaching, and researching history in the electronic age: historians and computers*, org. Dennis A. Trinkle. New York: M. E. Sharpe, Inc, 1998.
- Silva, Cicero Inacio da, Jane de Almeida, e Silvana Seabra Hooper. “As humanidades digitais e as novas formas de disseminação do conhecimento”. *Lumina* 10, n. 2 (2016): 1-12. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2016.v10.21297>.
- Souza, Joyce, Rodolfo Avelino e Sérgio Amadeu da Silveira, org. *A Sociedade de Controle. Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Hedra, 2018.
- Tavares, Célia Cristina da Silva. “História e Informática.” Em *Novos Domínios da História*, org. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, 301–317. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- Thaller, Manfred. “Entrevista com Manfred Thaller”. *Ler História*, 23, (1992): 161-166.
- Trinkle, Dennis A., org. *Writing, teaching, and researching history in the electronic age: historians and computers*. New York: M. E. Sharpe, Inc, 1998.
- Winston, Brian. *Media technology & society. A History: from the telegraph to the Internet*. London, New York: Routledge, 1998.

Recebido: 29 de dezembro de 2023

Aprovado: 26 de abril de 2024
